

## Notas

Bernardo Sorj

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SORJ, B. *A construção intelectual do Brasil contemporâneo: da resistência à ditadura ao governo FHC* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. Notas. pp. 126-129. ISBN: 978-85-99662-47-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## Notas

### Primeira Parte

1. Cf. por exemplo Caio Prado Navarro, 1977, e C.G. Motta, 1977.
2. Esta lista difere em outros relatos. Roberto Schwarz menciona como membros do grupo inicial Giannotti, F. Novais, P. Singer, O. Ianni, Ruth e F.H. Cardoso, enquanto Bento Prado, F. Weffort, Michael Lowy e Gabriel Bolaffi aparecem como os jovens participantes com “estatuto de aprendiz”. Cf. *Seqüências brasileiras*, Companhia das Letras, São Paulo, 1999.
3. Cf. sobre o pensamento da Cepal, F.H. Cardoso, 1980.
4. Cf. igualmente “O drama que o Brasil compartilha com outras nações subdesenvolvidas consiste nas disposições insuficientes de recursos racionais de pensamento e ação”. Ibid, p.21, estes trechos foram escritos em 1956.
5. Uma análise mais detalhada da produção dessas revistas pode ser encontrada em Carlos G. Motta (1977).
6. Para o caso uruguaio, ver Juan Rial, s/d.
7. Sobre a posição dos economistas no governo durante o regime militar, cf. Loureiro, 1996.
8. Para uma explicação diferente, ver Schwartzman, 1981, p.159.
9. O novo estilo de trabalho intelectual é analisado por Otávio Velho (1983) e os novos temas em Bolívar Lamounier, (1982).

### Segunda Parte

1. Cf. Sergio Miceli, “Intelectuais brasileiros”, in Miceli, S., *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*, São Paulo, Sumaré, 1999.
2. Cf. o excelente trabalho de Daniel Pécaut, *Os intelectuais e a política no Brasil*, São Paulo, Ática, 1990.
3. Cf. em particular os trabalhos de S. Schwartzman. Ver, entre outros, S. Schwartzman, *Formação da comunidade científica no Brasil*, Rio de Janeiro, Nacional, 1979.
4. Cuja trajetória institucional é apresentada nos dois volumes de *História das ciências sociais no Brasil*, Sergio Miceli, (org.), São Paulo, Vértice, vol.1989, e Editora Sumaré, vol.2, 1995.

5. A importância política da universidade se reflete inclusive no impacto das greves universitárias, que foram bem-sucedidas no regime militar, que superdimensionava a importância da comunidade acadêmica, e que foram perdendo seu impacto quando realizadas sob governos democráticos.

6. Essa dificuldade de enfrentar abertamente a tradição comunista aparece claramente com a celeuma provocada pela publicação do artigo sobre Lenin, na revista *Estudos Cebrap*, em 1976, de autoria de Leôncio Martins Rodrigues e Ottaviano de Fiore (“Lenin e a sociedade soviética: o capitalismo de Estado e a burocracia (1919-1923)”, *Estudos Cebrap*, 15, 1976). Se no período pesado da ditadura o respeito pelos militantes de partidos de esquerda perseguidos e sem condições de aparecer poderia ter justificado este silêncio, posteriormente fica claro que ele expressava a própria dificuldade interna de enfrentar essas questões.

7. Os trabalhos de Francisco Weffort, em particular o estudo (1972) sobre as greves em Contagem e Osasco foram possivelmente os que mais contribuíram para a valorização da capacidade autônoma da classe operária de definir seus rumos e a construção de uma visão dos trabalhadores capaz de autogerir seu destino. Esses trabalhos contribuíram para uma crítica do modelo comunista e do sindicalismo herdado do período Vargas, mas favoreceu uma linha de estudos sobre os trabalhadores que esquecia o restante das classes sociais e que estava centrado quase exclusiva e unilateralmente em torno do proletariado da grande indústria.

8. José Murilo de Carvalho na análise da formação do Iuperj, outra instituição central nas ciências sociais no Brasil, indica igualmente a importância da captação de professores “de fora” na constituição de uma instituição inovadora. Em ambos os casos ressalta a contribuição de uma geração de mineiros, na maioria formada nos Estados Unidos, depois de passagens variadas por instituições brasileiras e latino-americanas, que se distribuíram entre Rio de Janeiro e São Paulo. Cf. “Iuperj: ponto de encontro das ciências sociais”, ms., Rio de Janeiro, 1999.

9. Essa burocratização intelectual foi acompanhada pela burocratização das agências de fomento ao desenvolvimento científico, tomadas por um furor quantitavista, em que o preenchimento periódico de formulários e critérios formais substituíram o reconhecimento da qualidade e o respeito ao *tempo* específico de maturação do trabalho intelectual.

10. Cf. Fernandes, F. *A sociologia no Brasil*, Petrópolis, Vozes, 1977. Guerreiro Ramos, *A redução sociológica*, Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1996.

11. Guerreiro Ramos se refere constantemente a questões e vocábulos retirados da fenomenologia (a própria terminologia da redução sociológica nos remete à redução fenomenológica), que na época era a principal plataforma de confrontação/diálogo com o materialismo dialético.

12. Por exemplo no debate entre Antonio Otavio Cintra e Wanderley Guilherme dos Santos: Cf. Santos, W.G. dos. “A imaginação político-social brasileira”. *Dados* 2/3, 1967 e Cintra, M.A., “Sociologia, ciência fática”, *Revista*

de *Estudos Sociais*, 1, 1965, e “Sociologia e ciência”, *Revista Brasileira de Estudos Sociais*, 1, 1966. Ela retorna igualmente na interpretação de Miceli (1989), onde a contraposição entre Rio de Janeiro e São Paulo é reduzida a uma maior diferenciação social e funcional que teria permitido a formação de centros acadêmicos com regras próprias baseadas em excelência acadêmica em São Paulo, enquanto no Rio de Janeiro os intelectuais estariam intimamente associados ao Estado.

13. Cf. Marcos Shor Maia, Gláucia Villas Boas (org.), *Ideais de modernidade e sociologia no Brasil*, Porto Alegre, Editora da UFRGS, 1999.

14. Essa tendência simplificadora aparece em particular no livro de Caio Navarro de Toledo, *ISEB: fábrica de ideologias*, São Paulo, Ática, 1977.

15. Khun, T., *The Structure of Scientific Revolutions*, Chicago, University of Chicago Press, 1970.

16. Cf. Sorj, B., “Crises e horizontes das ciências sociais na América Latina”, *Novos Estudos Cebrap*, n. 23, 1989 e Sorj, B., *A nova sociedade brasileira*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

17. Sobre os problemas de constituição de um pensamento filosófico no Brasil, ver Arantes, E., *Um departamento francês de Ultramar*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994.

18. Cf. Sorj, B., “Sociabilidade brasileira e identidade judaica”, in Sorj, B. (org.), *Identidades judaicas no Brasil contemporâneo*, São Paulo, Imago, 1997.

19. Op. cit.

20. Sobre este tema, cf. Reis, F.W., Sorj, B., “Uma agenda para as ciências sociais no Brasil”, Anpocs, 1990.

21. No excelente livro *A inserção do negro na sociedade de classes*, 2 vol., São Paulo, Editora Ática, 1978, Florestan Fernandes trata a obra de Gilberto Freyre de forma totalmente tangencial.

22. Sobre as ciências sociais nos anos 80 consultar Reis, F.W. “O tabelião e a lupa: teoria, método generalizante e ideografia no contexto brasileiro” e Schwartzman, S. “As ciências sociais nos anos 90”, ambos em *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ano 6, 16, julho de 1991 e Sorj, B., op.cit., 1995.

### Terceira Parte

1. Max Weber, *Le savant et le politique*, Paris, Plon, 1963.

2. Ver em particular “Vanguarda do atraso e atraso da vanguarda: globalização e neoliberalismo na América Latina”, *Praga*, 4, dezembro de 1997, e “A derrota da vitória: a contradição do absolutismo de FHC” *Novos Estudos*, n.50, 1999.

3. Cf. Singer, P., “FH Cardoso x FH Cardoso”, *Praga*, 4, dezembro de 1997.

4. Cf. Schwarz, R., “Um Seminário de Marx”, *Seqüências brasileiras*, São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

5. Com o qual discorda J.A. Giannotti, numa resposta a Schwarz, dentro de uma reflexão mais autocentrada sobre o Seminário de Marx, cf. “Recepções de Marx”, *Novos Estudos*, 50, 1999.

6. “Não há dúvidas que a falta de rigor existia, e que em 64 foi preciso pagar por ela. Mas é certo também que o ISEB respondia ao acirramento social em curso, por vezes de maneira inventiva e memorável, ao passo que as nossas objeções pouco saíam do plano trancado das posições de princípio. Atrás da antipatia é possível que estivessem, além da oposição teórica, o complexo provinciano dos paulistas e, de modo geral, as diferenças entre Rio e São Paulo.” *Ibid*, p.92.

7. São inúmeras as entrevistas e discursos do presidente. Possivelmente a apresentação mais sistemática pode ser encontrada num livro cujo título é expressivo, cf. em Toledo, R.P. de, *O presidente segundo o sociólogo*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

8. Cf. *Tempo Social*, fevereiro de 2000.

9. “O Brasil sob Cardoso”, *ibid*.

10. Cf. Sorj, B., *A nova sociedade brasileira*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

11. Cf. Sorj, B., *A nova sociedade brasileira*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000, cap.vi.